



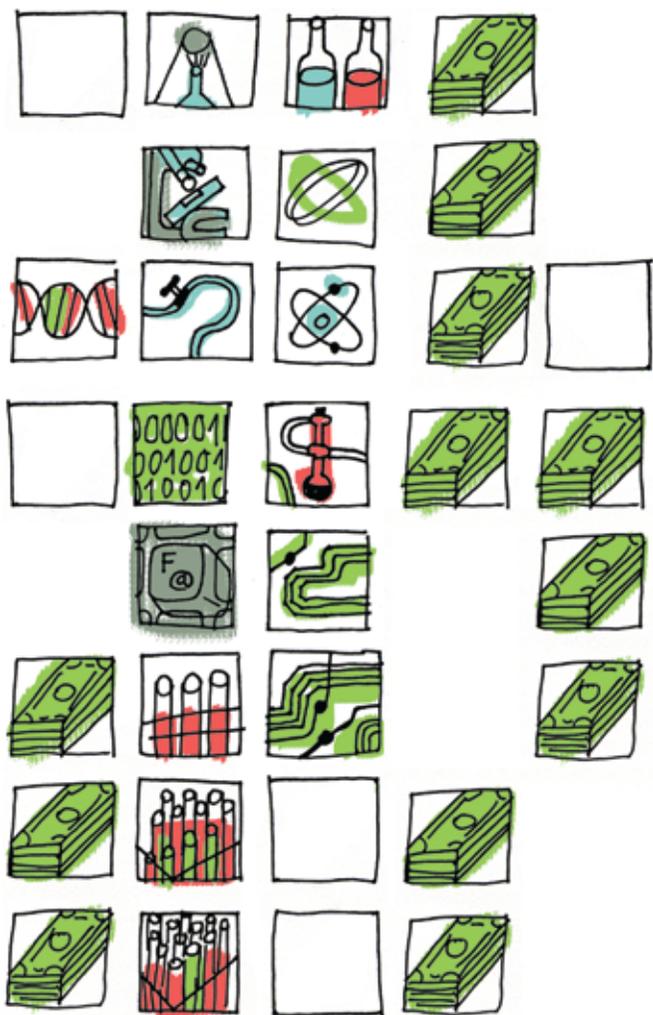
[FINANCIAMENTO]

O PESO DA TESOURA

FABRÍCIO MARQUES

ILUSTRAÇÕES ANDRÉS SANDOVAL

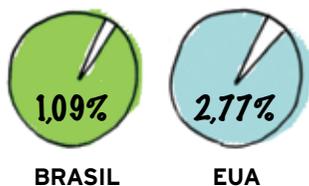
Como o Brasil e os Estados Unidos enfrentam seus cortes nos recursos para ciência e tecnologia



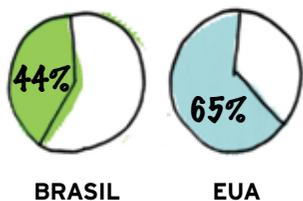
As comunidades científicas tanto do Brasil como dos Estados Unidos amargam a contingência de trabalhar com menos recursos públicos federais do que em 2010, após o anúncio de cortes agudos nos investimentos em ciência e tecnologia em ambos os países. No caso do Brasil, o orçamento do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) ficou em cerca de R\$ 6,37 bilhões. Inicialmente, a verba prevista para a pasta era de R\$ 8,1 bilhões, mas foram cortados R\$ 713 milhões em emendas parlamentares, que atingiram principalmente projetos de inclusão digital, e R\$ 353 milhões do orçamento direto. Outros R\$ 610 milhões dos recursos dos fundos setoriais foram bloqueados para garantir recursos para o pagamento das dívidas do governo, expediente conhecido como contingenciamento. No pacote de cortes de R\$ 50 bilhões no orçamento da União, justificado pela necessidade de cumprir metas fiscais e evitar o aumento da inflação, a redução no orçamento do MCT ficou em R\$ 1,7 bilhão. O Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT), uma importante fonte de recursos do ministério, teve bloqueados 20% de seus recursos. Com isso, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) perdeu R\$ 430 milhões. A Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), agência do governo federal que financia projetos de

O TAMANHO DOS ORÇAMENTOS

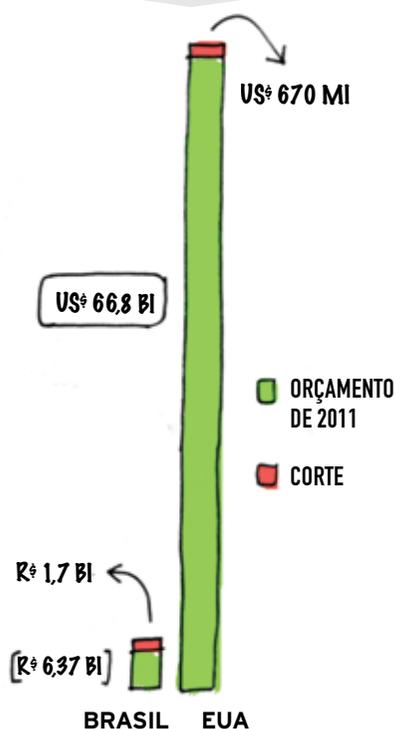
% PIB INVESTIDA EM P&D



% DO ESFORÇO PRIVADO NO INVESTIMENTO EM P&D



INVESTIMENTO FEDERAL EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA NOS DOIS PAÍSES



vidades-fins do ministério: as reuniões de instâncias como a Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CNTBio) e do recém-criado Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal (Concea) já não se realizam com a periodicidade habitual por falta de recursos para pagar passagens e diárias. Outro dado preocupante, segundo a presidente da SBPC, é que até agora não houve reunião do Fundo de Infraestrutura (CTInfra), instrumento fundamental para a renovação de laboratórios e a construção de instalações. “As universidades federais, ao contrário das estaduais paulistas, não têm um orçamento e dependem muito de instrumentos como esse para fazer pesquisa”, diz ela, que é professora da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e membro da coordenação na área de biologia da FAPESP. Helena Nader critica a mudança de rumo na política científica e tecnológica do país. “No final de 2010 participei de uma reunião do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia, em que o presidente da República foi ovacionado pela ampliação dos investimentos em ciência e tecnologia. Um mês depois veio o corte de orçamento e, curiosamente, o conselho até hoje não voltou a se reunir”, afirma. A SBPC já pediu audiências com os ministros da Casa Civil da Presidência da República e do Planejamento para tentar reverter os cortes. “Conversamos com o ministro da Ciência e Tecnologia, Aloizio Mercadante, mas ele também é contra os cortes”, afirma. O ministro já se disse preocupado com a repercussão dos cortes na política de inovação e estuda socorrer a Finep com um empréstimo do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), com aval do Tesouro. “O BNDES tem uma carteira de pedidos de R\$ 2,5 bilhões, com bons projetos que tecnicamente merecem ser aprovados. A política de inovação é uma prioridade”, disse o ministro, em entrevista ao programa *Canal livre*, da Rede Bandeirantes.

O matemático Jacob Palis, presidente da Academia Brasileira de Ciências, destaca o fato de que países emergentes que competem diretamente com o Brasil, como China e Índia, vêm ampliando seus orçamentos. “Eles estão acelerando bastante e precisamos acompanhá-los”,

afirmou Palis, que está esperançoso na reversão de parte do corte, principalmente no caso da Finep. “Seria um alívio restrito à inovação, mas muito importante.” Segundo dados do MCT, o investimento do Brasil em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) em 2008 equivaliu a 1,09% do PIB, ante 1,54% da China. Já os Estados Unidos investiram 2,77% do PIB em P&D. O orçamento do Ministério da Ciência da China em 2011 é de 24,69 bilhões de yuans, o equivalente a US\$ 3,8 bilhões, um aumento de 14% em relação a 2010. O orçamento para ciência na Índia, espalhado por vários ministérios, também prevê 14% a mais do que em 2010. “Os Brics, os países em desenvolvimento e os países de todo o mundo vêm investindo largamente em ciência, tecnologia e inovação”, disse a diretora da Associação Nacional de Pós-graduandos (ANPG), Tamara Naiz. “O Brasil não pode seguir na contramão de uma tendência mundial.”

Se a ciência norte-americana sofreu um corte proporcionalmente menor do que o brasileiro, também se beneficia de uma estrutura de financiamento que não depende exageradamente de recursos públicos. “Além de o orçamento norte-americano ser bem maior, os pesquisadores recebem bastante financiamento de empresas e entidades filantrópicas. Isso se deve, provavelmente, ao fato de que eles começaram a investir em educação no século XVIII e nós na década de 1930”, afirma Helena Nader, da SBPC. Em 2008, o setor privado foi responsável por 44% dos investimentos em P&D no Brasil, que, repetindo, alcançou 1,09% do PIB. Nos Estados Unidos, as empresas foram responsáveis por dois terços dos dispêndios em P&D, que alcançaram 2,77% de seu PIB. Não deixa de ser curioso que o Brasil tenha sido citado como exemplo por Barack Obama, em meio aos debates sobre os cortes orçamentários, para justificar a ampliação dos investimentos na pesquisa energética. “Se alguém duvida do potencial dos combustíveis renováveis, considere o Brasil. Lá, mais da metade dos veículos pode utilizar biocombustíveis”, disse o presidente norte-americano em pronunciamento no dia 5 de abril. ■